



**VI CONGRESSO INTERNACIONAL DE POLÍTICA SOCIAL E SERVIÇO SOCIAL:
DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS VII SEMINÁRIO NACIONAL DE TERRITÓRIO E
GESTÃO DE POLÍTICAS SOCIAIS VI CONGRESSO DE DIREITO À CIDADE E JUSTIÇA
AMBIENTAL**

**(Relações Étnico-Raciais, Povos Indígenas, População Negra, Comunidades
Tradicionais e Políticas Sociais)**

**Juventude(s), arte e identidade no Brasil, Angola e
Moçambique: resistir para existir no Sul Global**

Andréa Pires Rocha¹
Marcela Santos Silvestre²
Maria Izabel da Silva Alves³

Resumo: O artigo tece reflexões sobre as juventudes no Sul Global a partir das relações entre arte, cultura e protagonismo juvenil, com foco nas experiências de jovens do Brasil, Angola e Moçambique. Fundamentado em pesquisa qualitativa de caráter bibliográfico e documental, compreende a juventude como categoria sócio-histórica atravessada por classe, raça, gênero e território. Parte da hipótese de que expressões artísticas, especialmente a música e a cultura hip hop, constituem espaços de construção identitária, elaboração crítica e resistência. Ao examinar manifestações culturais e mobilizações, evidencia que a arte atua como linguagem política e campo de disputa simbólica na colonialidade contemporânea.

Palavra-chave: Protagonismo juvenil; Colonialidade; Produção cultural periférica; Participação política; Protesto

Abstract: This paper reflects on youth in the Global South through the relationships between art, culture, and youth protagonism, focusing on the experiences of young people in Brazil, Angola, and Mozambique. Grounded in qualitative bibliographic and documentary research, it understands youth as a socio-historical category shaped by class, race, gender, and territory. It is based on the hypothesis that artistic expressions, especially music and hip hop culture, constitute spaces for identity construction, critical elaboration, and resistance. By examining cultural manifestations and mobilizations, it highlights that art operates as a political language and a field of symbolic dispute within contemporary coloniality.

Keywords: Youth protagonism; Coloniality; Peripheral cultural production; Political participation; Protest.

¹ Bolsistas Produtividade CPNq-PQ2. Pós-Doutorado pela Escola de Serviço Social da UFRJ, Doutora em Serviço Social pela UNESP-Franca, Mestre em Educação pela Universidade Estadual de Maringá, Graduada em Serviço Social pela UNESP-Franca. Docente do Departamento de Serviço Social da Universidade Estadual de Londrina – UEL, na graduação e pós-graduação. andrearocha@uel.br

² Graduanda em Serviço Social na Universidade Estadual de Londrina. Bolsista de Iniciação Científica - CNPq. marcela.santos@uel.br

³ Graduanda em Serviço Social na Universidade Estadual de Londrina. Bolsista de Iniciação Científica - Fundação Araucária. maria.izabelsilva@uel.br



1. Ponto de Partida

[...] Então ouse sonhar e acreditar na mudança de realidade que pode proporcionar. Me eduquei ao educar e aprendi com MCs [...] que o hip hop é de fato um bom lugar [...] essa vontade de trocar é o que me fez querer ficar [...]. (Poeta Gabriela)

Compreende-se a juventude como categoria sócio-histórica, atravessada por marcadores de classe, território, gênero, sexualidade e pertencimento étnico-racial. Tais dimensões estruturam desigualdades, mas também produzem experiências de resistência, criação e mobilização. Nesse sentido, dialogamos com a perspectiva de que os movimentos juvenis contemporâneos têm tensionado leituras que reduzem os jovens à condição de “problema social”, evidenciando novas formas de sociabilidade e disputas por reconhecimento cultural (SPOSITO; ALMEIDA; CORROCHANO, 2020). O protagonismo juvenil, é compreendido para além de ser uma categoria meramente normativa ou pedagógica, mas como expressão concreta da capacidade dos jovens de se reconhecerem e atuarem como sujeitos políticos. Falar em protagonismo juvenil implica reconhecer as múltiplas formas de resistência, mobilização e produção de conhecimento construídas pelas juventudes, especialmente aquelas historicamente marginalizadas, que transformam territórios, instituições e narrativas por meio da ação coletiva.

Este artigo integra os estudos desenvolvidos no âmbito do Projeto de Pesquisa JUVIVE – Juventude(s), Identidade(s) e Vivências Juvenis: Miradas Sul-Sul, subsidiado pela Bolsa de Produtividade em Pesquisa PQ-2 e vinculado ao Observatório Juventudes, Direitos Humanos e Antirracismo: vozes que ecoam do Sul. O estudo parte do objetivo geral de conhecer as particularidades e singularidades das condições juvenis e da construção das identidades a partir das vivências de jovens angolanos, brasileiros e moçambicanos, situando tais experiências no contexto das determinações históricas, coloniais e capitalistas que atravessam os países do Sul Global. Como desdobramento, busca-se identificar formas democráticas de estímulo à participação e ao protagonismo juvenil, bem como reunir elementos que reflitam sobre a condição juvenil por meio das expressões artísticas e culturais, com ênfase em produções musicais protagonizadas por jovens. Parte desses resultados decorre de pesquisa de Iniciação Científica subsidiada pelas bolsas CNPQ e Fundação Araucária, cujas análises iniciais são aqui sistematizadas.

Partimos da hipótese de que as expressões artísticas e os movimentos sociais constituem espaços privilegiados de construção de identidades, elaboração crítica e resistência política, especialmente nos países do Sul Global, marcados por processos coloniais e por desigualdades estruturais persistentes. A arte, nesse contexto, não é



entendida como mero produto cultural, mas como linguagem política, instrumento pedagógico e território de disputa simbólica. Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa, fundamentada em levantamento bibliográfico e análise documental. Foram mobilizadas produções teóricas sobre juventude(s), colonialidade, protagonismo juvenil e cultura, bem como relatórios institucionais e registros jornalísticos acerca de mobilizações juvenis no Brasil, em Angola e em Moçambique. Além disso, realizou-se análise interpretativa de expressões artísticas — especialmente produções musicais — compreendidas como fontes de elaboração simbólica e política das vivências juvenis. A análise orientou-se por uma perspectiva crítica, ancorada no diálogo Sul-Sul, buscando compreender as articulações entre identidade, arte, resistência e participação política.

O texto organiza-se em três momentos. Inicialmente, discutimos a colonialidade e suas implicações na constituição das identidades juvenis no Sul Global, articulando cultura e arte como dispositivos de emancipação política. Em seguida, apresentamos experiências de protagonismo juvenil no Brasil, na África do Sul, em Moçambique e em Angola, evidenciando como a juventude transforma arte e ação coletiva em estratégias de resistência. Por fim, apresentamos considerações que reforçam a centralidade da juventude como sujeito histórico na disputa por direitos, memória e democracia.

2. Cultura e arte: dispositivos para fortalecimento de identidade(s) e resistências

O primeiro elemento que conecta os países do Sul Global é a experiência da dominação colonial e seus desdobramentos. A diáspora africana e a estruturação racial imposta pelo colonialismo produziram marcas profundas nas relações sociais desses países. Por isso, é fundamental compreender a colonialidade (QUIJANO, 2015), apreendida como categoria que expõe a perpetuação dos valores coloniais, do patriarcado e do racismo no interior do sistema capitalista. O conceito de colonialidade “estabelece que o racismo é um princípio organizador ou uma lógica estruturante de todas as configurações sociais e relações de dominação da modernidade”. Oyèrónkẹ Oyěwùmí (2021), por sua vez, argumenta que o patriarcado constitui uma organização social particular do Ocidente, baseada na distinção entre corpos femininos e masculinos, posicionando a mulher como uma “categoria identificável, definida por sua anatomia e subordinada aos homens em todas as situações” (OYĚWÙMÍ, 2021, p. 189). Nesse sentido, compreende-se que:

A imposição do sistema de Estado europeu, com suas máquinas legais e burocráticas, é o legado mais duradouro do domínio colonial europeu na África. O sistema internacional de Estado-nação como o conhecemos hoje é um tributo à expansão das tradições europeias de governança e organização econômica (OYĚWÙMÍ, 2021, p. 188).



Como ironiza Mbembe (2014, p. 27), “sendo o rincão mais ‘civilizado’ do mundo só o ocidente foi capaz de inventar os ‘direitos das gentes’[...]”, porém não consideravam todos humanos como humanos, pois

O Resto – figura-se, se o for, do dissemelhante, da diferença e do poder puro do negativo – constituía a manifestação por excelência objetual. A África, de um modo geral, e o Negro, em particular, eram apresentados como os símbolos acabados desta vida vegetal e limitada (MBEMBE, 2014, p. 27 – 28).

Nessa dinâmica, corpos de mulheres, pessoas negras, indígenas, trans, periféricas e faveladas foram historicamente tratados como ‘resto’, objetos desprovidos de reconhecimento pleno de humanidade (ROCHA, 2020a; 2021a; 2021b). Portanto, a visão dominante sobre os direitos humanos sustenta-se em uma lógica contraditória, elemento este que Marx (2010) já denunciava ao mostrar como as contradições da burguesia revelam que o direito à liberdade é equiparado ao direito à propriedade privada, enquanto aos cidadãos é concedida uma liberdade essencialmente política.

Historicamente, o Sul Global foi explorado pelo Norte, com consequências que estruturaram economias dependentes, marcadas atualmente pelo capitalismo financeirizado e sustentadas por um Estado neoliberal de caráter penal, que fortalece o controle sociopenal, frágil na garantia de direitos e forte na repressão, o que ressignifica o racismo por meio do encarceramento em massa e do extermínio. As conexões entre nossos países foram moldadas pelas posições que cada um ocupou no sistema colonial, estruturado por dinâmicas econômicas e simbólicas específicas. Entre outros aspectos, pode-se destacar que muitos desses países enfrentaram guerras civis no período pós-lutas de libertação colonial, o que dificultou a consolidação como nações independentes e gerou desafios para a constituição de sistemas de proteção e defesa de direitos. Além disso, o fato de Brasil, Angola e Moçambique terem sido colonizados por Portugal implica particularidades decorrentes da imposição de uma identidade hegemônica que, sob o argumento de formação cultural nacional, promoveu violências e hierarquizações raciais, com tentativas sistemáticas de apagamento da diversidade identitária e cultural. É nesse contexto que se produzem as chamadas “identidades nacionais”. Hall (2020, p. 30) explica que:

A formação de uma cultura nacional contribuiu para criar padrões de alfabetização universais, generalizou uma única língua vernacular como meio dominante de comunicação em toda a nação, criou uma cultura homogênea e manteve instituições culturais nacionais, como o sistema educacional. Dessa forma, a cultura nacional tornou-se característica-chave da industrialização e dispositivo da modernidade.



O autor também observa que, “não importa quão diferentes seus membros possam ser em termos de classe, gênero ou raça, uma cultura nacional busca unificá-los numa identidade cultural” (HALL, 2020, p. 6). Essa unificação opera por meio da subalternização de alguns grupos e do fortalecimento de outros, priorizando componentes culturais do grupo dominante e promovendo a ideia de uma unidade nacional fictícia. Lélia Gonzalez ao abordar esse tema no Brasil, coloca que,

[...] Uma vez estabelecido, o mito da superioridade branca demonstra sua eficácia pelos efeitos de estilhaçamento, de fragmentação da identidade racial que ele produz: o desejo de embranquecer (de “limpar o sangue”, como se diz no Brasil) é idealizado, com a simultânea negação da própria raça, da própria cultura (GONZALEZ, 2020, p. 119).

A construção da identidade nacional — branca, heteropatriarcal e burguesa — contribui para processos de alienação que opera na fragmentação de lutas coletivas. Tal dinâmica é denunciada também na cultura popular, quando, na música *Favela Vive 5*, Leci Brandão (2023) alerta: enquanto a família brasileira tá distraída com séries / Redes sociais e sites de fofoca / Se entopem de droga / Televisão, celular, iFood e Coca-Cola / Tem um favelado sendo assassinado agora”. A denúncia artística evidencia que, apesar das tentativas de silenciamento, sempre houve e haverá resistência indígena, negra e periférica.

A partir disso, somos sujeitos sociais de uma história que está sempre em movimento e em transformação. Em diálogo com a Tese XI “os filósofos só interpretaram o mundo de diferentes maneiras; do que se trata é de transformá-lo” (Marx e Engels, 1998, p. 103), Gramsci (1984), tece reflexões sobre a Filosofia da Práxis e a perspectiva transformadora dos homens e mulheres. Aponta que “[...] cada um transforma a si mesmo, se modifica, na medida em que transforma e modifica todo o conjunto de relações do qual ele é o ponto central [...]” (1984, p. 40). Para o pensador, o ser humano, ao se transformar individualmente, torna-se também agente de modificação do coletivo nas relações das quais participa.

Desenvolver a própria personalidade implica, portanto, tomar consciência dessas relações. Transformá-la, por sua vez, significa, em essência, transformar o conjunto dessas relações. Nesse sentido, propõe que os saberes populares e cotidianos sejam reconhecidos e valorizados como instrumentos de transformação, capazes de impulsionar novas formas de pensar, ampliar a consciência crítica e fortalecer a organização e a efetivação das lutas coletivas. Como revela a música “Riquezas” – trecho na epígrafe do artigo - composta pela Poeta Gabriela (2024) que é professora no Estado do Paraná, ao educar, também se educa.

Simionatto (2004, p. 29) destaca que, para Gramsci, a cultura é instrumento de emancipação política, pois possibilita a tomada de consciência das condições comuns vividas pelos sujeitos sociais. A hegemonia, entendida como “direção intelectual e moral”, exerce-se



no campo das ideias e da cultura, pois não há direção política sem consenso (SIMIONATTO, 2004, p. 44).

Quando Gramsci fala da hegemonia como 'direção intelectual e moral', afirma que essa direção deve exercer-se no campo das ideias e da cultura, manifestando a capacidade de conquistar o consenso e de formar uma base social. Isso porque não há direção política sem consenso. A hegemonia pode criar, também, a subalternidade de outros grupos sociais que não se refere apenas à submissão à força, mas também às ideias (SIMIONATTO, 2004, p.44).

Segundo Arruda (2024, p.106), o homem se transforma junto com a natureza. Mas a transformação humana segue caminhos que são mediados pela cultura. Para ele, a arte é um caminho para criar outros caminhos. A arte, portanto, constitui caminho de criação e denúncia. Negra Li (2025), na música “Poetisas no topo 4”, expressa as marcas do patriarcado na sociedade contemporânea:

Nesse mundo dos macho, nunca foi fácil, minas / Eu vim de baixo, fiz meu palácio em rimas / O dia escasso, mas abri espaço pra Ajúlias, Duquesas e Claras Limas [...] As mina que manda, tô na propaganda / Não sou a Fernanda, mas ainda estou aqui [...] Eles apostam em tigres, mas não apostam em leões (NEGRA LI, 2025)

A música traduz a experiência concreta de mulheres negras na indústria cultural e na sociedade. O território e a cultura que se vive, também dizem muito do que é ser velho, adulto, jovem ou criança. O que também é denunciado através de poesias, por exemplo na música “Lei Anti Oruam” do rapper brasileiro Oruam “O dia que o fuzil e a pistola / valer mais que um livro, aí tem algo errado / Eles dão arma pra nós / Depois pergunta por que sou bandido [...] explica pra uma criança porque seu herói vive dentro das grades” (ORUAM, 2025). A denúncia revela como juventude, território, classe e raça se articulam na produção de desigualdades. Ser jovem ou criança no Brasil não é o mesmo que ser jovem ou criança em Moçambique ou Angola. O território, a história colonial e as estruturas econômicas moldam as experiências geracionais de forma profundamente desigual, evidenciando que as categorias etárias também são atravessadas por classe, raça, colonialidade e projeto de nação.

3. Arte e resistência na mesma chave do protagonismo juvenil

O processo de apagamento das identidades é nocivo para o desenvolvimento infantil, levando a não se perceberem como potências no mundo racializado, como é para as crianças brasileiras indígenas e negras, como a música “Hit do Ano – O Peso da Luta” de MC Marks - artista, cantor e compositor - expressa, segue de exemplo o trecho que diz,



O menino tava no problema / Inimigo, ódio do sistema / Jogado à margem do mundo / e pra mídia gerou mais um assunto / Enquanto uns conta, outros rala pra ter o que comer / enquanto uns curte, outros luta para sobreviver / ele só quer se jogar daqui, viver mais feliz / Acordar e ter motivo para sorrir (MC MARKS, 2021)

Esses trechos de músicas demonstram como é apagada a identidade e a luta, numa sociedade que não olha para os problemas estruturais. “É também a juventude, ou a condição juvenil, na sociedade moderna, alvo e fruto de tensões, conflitos e rearranjos, parte das lutas sociais para estabelecer o domínio de certos grupos sociais, seu projeto político e visão de mundo” (GROPPO, 2017, p. 84). Com isso, os jovens tendem a tomar posicionamentos contestatórios que se materializam de diferentes formas, seja na participação nos movimentos sociais organizados ou espontâneos. Há também um lugar importante dado a moda periférica, como utilizada pelas cantoras Tasha e Tracie - irmãs gêmeas, artistas, rappers e compositoras de destaque no rap nacional - que comunicam muito mais do que moda, representam identidade, pertencimento e resistência, por que nas favelas a estética é uma ferramenta de afirmação e estratégia de ocupar espaços e ser visto.

Imagem 1 - Tasha e Tracie lançando moda



Fonte: *Rolling Stone Brasil*, São Paulo, 15 jan. 2025.

O maximalismo dessa moda é constantemente atacado, marginalizado e estereotipado, mas essa estética só ganha visibilidade quando é apropriada e embranquecida, principalmente através das redes sociais, como por exemplo no uso de camisetas de time. Assim, aos profissionais que trabalham com juventudes, gestores de políticas públicas, educadores, entre outros, cabe respeitar seus modos de viver e existir, incentivar democracia que possibilite o protagonismo juvenil e,

[...] no campo da educação, o termo protagonismo juvenil designa a atuação dos jovens como personagem principal de uma iniciativa, atividade ou projeto voltado para a solução de problemas reais. O cerne do protagonismo, portanto, é a participação ativa e construtiva do jovem na vida da escola e da comunidade ou da sociedade mais ampla. (COSTA, 2001, p. 179),

Nos últimos 30 anos, os movimentos juvenis têm respondido a dois desafios principais: superar leituras que reduzem os jovens a “problemas sociais” e evidenciar novas formas de sociabilidade, por meio das quais emergem tanto lutas materiais contra desigualdades quanto disputas simbólicas por reconhecimento cultural (SPOSITO; ALMEIDA; CORROCHANO, 2020). Assim, os movimentos juvenis refletem e influenciam as dinâmicas sociais e políticas de seu tempo. Conforme Groppo (2017), a juventude é alvo e



fruto de tensões sociais, participando das disputas por projetos societários. O protagonismo juvenil não se restringe à participação formal, mas implica capacidade real de organização, decisão e transformação social.

O movimento secundarista no Brasil, que foi protagonizado por estudantes do ensino médio, é um exemplo do protagonismo da juventude, marcado por manifestações e pela ocupação de escolas públicas por todo o país. O movimento se iniciou em São Paulo, após o anúncio da Secretaria Estadual de Educação, comandada pelo Herman Voorwald no governo de Geraldo Alckmin, com uma proposta de reorganização escolar, que previa o fechamento e a mudança de unidades escolares sem diálogo com a comunidade.

Como reação à medida oficial de reorganizar a rede de escolas, fechando 94 unidades e remanejando alunos de outras 754, com enorme impacto na vida de estudantes, familiares e professores, um conjunto de estudantes da rede estadual deflagrou um processo de ocupação dos prédios escolares. No dia 9 de novembro de 2015, estudantes da Escola Estadual Diadema fizeram a primeira ocupação. No dia seguinte foi a vez da Escola Estadual Fernão Dias. Depois de um mês de mobilizações de rua, abaixo-assinados, tentativas de diálogo com diretorias de ensino e com o governo, e sem obter resultados, os estudantes optaram por uma estratégia inusitada de ação direta que logo se espalhou por todo o estado. No final de 2015, foram contabilizadas mais de 200 escolas estaduais ocupadas. (CORTI; CORROCHANO; SILVA, 2016, p. 1160-1161).

Organizados de forma horizontal, por meio de assembleias e comissões, os secundaristas construíram experiências de autogestão dentro das escolas ocupadas, promovendo debates, aulas públicas, atividades culturais e formação política.

Imagem 2 – A escola é nossa



Fonte: MST, 2015

Essa experiência juvenil evidenciou o protagonismo da juventude como sujeito político no presente, questionando decisões governamentais e defendendo o direito à educação pública, democrática e de qualidade.

O movimento *#Rhodes Must Fall* também foi um exemplo, em 2015 na *University of Cape Town*, na África do Sul. O protesto começou com a reivindicação pela retirada da estátua de Cecil Rhodes, empresário e político britânico símbolo do colonialismo e do imperialismo na África. Para os estudantes, a presença da estátua representava a permanência simbólica do racismo estrutural e da herança colonial dentro da universidade. O movimento denunciava não apenas um monumento, mas a continuidade de currículos



eurocentrados, a baixa presença de professores negros e as desigualdades raciais no ensino superior. A campanha ganhou grande repercussão, levando à remoção da estátua e inspirando mobilizações semelhantes em outras instituições, inclusive na *University of Oxford*, no Reino Unido.

Imagem 3 – Fora imperialista



Fonte: *Heinrich Böll Foundation*, 2018

Desta forma tornou-se referência global nas lutas pela descolonização da educação, questionando quais memórias, saberes e sujeitos são legitimados nos espaços acadêmicos. Para além da retirada de uma estátua, expressou o protagonismo estudantil negro na disputa por uma universidade antirracista, plural e comprometida com a superação das heranças coloniais. Em relação ao Brasil, vamos trazer outro exemplo contundente de manifestação de jovens trabalhadores em aplicativo que ocorreu em 2021, quando queimaram a estátua de Borba Gato localizada na avenida Santo Amaro, zona Sul de São Paulo.

Imagem 4 -Fogo no Borba Gato



Fonte: *Folha de São Paulo*, 2021

A redação do *Jornal Brasil de Fato* publicou em 24 de julho de 2021, que o coletivo, até então nomeado como *Revolução Periférica*, assumiu a autoria do incêndio. O grupo justificou a ação como um protesto simbólico contra a exaltação de figuras históricas associadas à violência colonial e à opressão. No mesmo dia, a polícia de São Paulo prendeu Thiago Vieira Zem e, no dia 28 de julho de 2021, o ativista Paulo Roberto da Silva Lima, conhecido como Paulo Galo, apresentou-se voluntariamente à polícia e foi preso



temporariamente, juntamente com sua esposa. A prisão gerou ampla repercussão e debate público sobre a criminalização de protestos. O Superior Tribunal de Justiça (STJ) concedeu liminar revogando a prisão temporária de Galo, que foi liberado. O episódio passou a integrar discussões mais amplas sobre memória histórica, direito à manifestação e os limites da atuação penal do Estado.

Esse fato nos interessa por hoje ser amplamente divulgado que se tratava de um ato do Movimento Entregadores Antifascistas. Em entrevista de Paulo Roberto da Silva Lima, o Paulo Galo, realizada por Mariama Correia (Agência Pública, 2020) - ou seja, antes mesmo do ato emblemático da queima da estátua - ele explica que o movimento surgiu em 2020. Isso se deu no contexto da pandemia de COVID-19, como uma articulação política de trabalhadores de aplicativos que denunciavam a precarização do trabalho, a ausência de direitos e a falta de proteção sanitária. Conforme relata na entrevista, o movimento foi impulsionado por que defendia a organização coletiva da categoria e a formação política dos trabalhadores, articulando mobilizações nacionais como o chamado *Breque dos Apps* (AGÊNCIA PÚBLICA, 2020). A trajetória de Galo está profundamente vinculada à cultura periférica e ao hip hop, que aparece como espaço de formação política, identidade e crítica social.

O policial quase quebrou o braço do meu pai, por questão racial, porque ele não quis colocar o braço pra trás. E ali ainda muito novinho entendi que eu tinha um inimigo na vida. Vi meu pai chorar, minha mãe sofrer por conta disso. Isso me deu instinto para lutar contra as injustiças. Fui crescendo, conheci o movimento hip hop, comecei a cantar rap aos 12 anos. O movimento hip hop é uma escola de política. Cada música é uma aula. Tive um companheiro que admirava muito e perguntei como fazia pra cantar rap como ele. Ele me disse, “mano, tem que ler. Ler é o combustível de escrever.” Ele me deu um livro, *Negras Raízes*, do Alex Harley. Comecei a ler, ir nas bibliotecas. Fui conversando com as pessoas, aprendendo, olhando o que meu Brasil é o que eu represento o que meu país representa, e como tenho que me posicionar. (Paulo Galo apud AGÊNCIA PÚBLICA, 2020)

Na mesma reportagem, ele afirma que não queria apenas mobilizar entregadores para reivindicações imediatas, mas fomentar consciência crítica — perspectiva alinhada à tradição do rap e da cultura hip hop como ferramentas de denúncia das desigualdades sociais e do racismo estrutural. Essa articulação entre trabalho precarizado, cultura periférica e luta política ajuda a compreender tanto a atuação dos Entregadores Antifascistas quanto o protagonismo de Galo em outras ações públicas posteriores.

Sobre manifestações com envolvimento de jovens em Moçambique, o destaque se mostra no contexto pós eleições gerais de 9 de outubro de 2024, quando milhares de pessoas — sobretudo jovens e muitos entre 18 e 35 anos — tomaram as ruas para protestar contra os resultados contestados e outras reivindicações socioeconômicas e políticas. Segundo a investigação da Amnistia Internacional (2025), as manifestações foram amplas e em grande



parte pacíficas, mas as autoridades responderam com uso excessivo e desproporcional da força, prisões arbitrárias em massa e restrições à informação.

O relatório documenta que forças de segurança dispararam armas letais, gás lacrimogéneo e projecteis de impacto cinético (balas de borracha) contra manifestantes e transeuntes, incluindo crianças, e que jornalistas foram intimidados ou tiveram equipamentos confiscados. A repressão causou mortes, ferimentos graves e milhares de detenções, atingindo de forma desproporcional a geração mais jovem, que estava no centro das mobilizações exigindo justiça eleitoral e melhores condições de vida.

Imagem 5 – Jovens em Moçambique



Fonte: Alma Preta, 2024

A investigação da Amnistia assinala que, em vez de proteger o direito à manifestação pacífica, as forças de segurança moçambicanas recorreram frequentemente a táticas que violam normas internacionais de direitos humanos, num contexto em que muitos jovens canalizaram suas frustrações políticas por meio de protestos e organização comunitária (Amnistia Internacional, 2025).

Em 2025, segundo a Agência de Notícias RFI (2025), Angola viveu uma das maiores ondas de protestos populares desde o fim da guerra civil, inicialmente desencadeada pelo aumento dos preços dos combustíveis e a redução de subsídios — medida que impôs perda de poder de compra a grande parte da população e elevou ainda mais o custo de vida já difícil no país.

Os protestos começaram em 12 de julho de 2025, em Luanda, e rapidamente se espalharam para outras províncias, envolvendo os motoristas de táxis e lotações que lideraram uma paralisação a partir de 28 de julho — mas também grandes contingentes de jovens. A atuação policial e militar foi marcada por uso excessivo de força, incluindo gás lacrimogéneo, balas de borracha e, em alguns casos, munição real, de acordo com organizações de direitos humanos e observadores internacionais. Mais de 22 pessoas foram mortas, centenas ficaram feridas e milhares foram detidas, muitos de forma arbitrária, durante



as semanas de protestos e repressão — um número que diversas organizações de direitos humanos pediram que fosse investigado de maneira imparcial.

Imagem 6 – Jovens em Angola



Fonte: Novo Jornal, 2025

Por outro lado, vale observar que ativistas locais destacaram que a participação marcante de jovens, que saíram diretamente das periferias urbanas – conectados por redes e com forte protagonismo nas marchas mesmo sem lideranças formais - foi um elemento chave dessas mobilizações, que mesclaram demandas por justiça econômica, melhores condições de vida e expressões de frustração diante de décadas de desigualdades.

Os episódios trazidos como exemplo demonstram que os jovens afirmam sua condição de sujeitos históricos ativos, capazes de interpretar, tensionar e transformar as realidades que os atravessam. Assim, arte, cultura e mobilização política se entrelaçam como dimensões inseparáveis do protagonismo juvenil.

3. CONCLUSÃO

A análise das juventudes do Sul global, permite compreender que a condição juvenil está profundamente atravessada por determinações históricas estruturais. Contudo, essas determinações não anulam a agência dos sujeitos. Assim, ainda que situados em contextos nacionais distintos, os movimentos abordados no artigo revelam a potência política da juventude na disputa por direitos, memória, trabalho e democracia. Das ocupações secundaristas no Brasil às mobilizações pela descolonização universitária na África do Sul, passando pela organização dos entregadores de aplicativos e pelos protestos juvenis em Moçambique e Angola, observa-se uma geração que tem se posicionado criticamente mediante decisões impostas, políticas excludentes ou narrativas oficiais sobre o passado e o presente.

Ainda que, nos casos de Angola e Moçambique, a participação juvenil nem sempre se apresente sob formas organizadas de forma convencional, institucionalizadas ou com lideranças nitidamente definidas, é possível perceber a centralidade do protagonismo jovem



nas ruas, nas redes e nos processos de mobilização coletiva. Mesmo quando marcada por espontaneidade, fragmentação ou ausência de estruturas formais, essa presença juvenil expressa insatisfações acumuladas, produz repertórios próprios de ação e tensiona o Estado e suas formas de controle.

Em cada uma dessas experiências, os jovens não apenas reagiram a medidas governamentais ou condições estruturais adversas, mas afirmaram-se como sujeitos históricos no tempo presente, evidenciando que a juventude não é apenas destinatária de políticas públicas, mas protagonista na redefinição dos rumos sociais e democráticos. A arte, nesse percurso, é linguagem de resistência, formação política e construção coletiva de novos horizontes. Ou seja, as expressões artísticas e os movimentos protagonizados pela juventude revelam-se espaços privilegiados de produção de consciência, resistência e construção de alternativas. Ao ocupar escolas, questionar currículos eurocentrados, denunciar o racismo estrutural e afirmar identidades historicamente subalternizadas, as juventudes do Sul global demonstram que resistir para existir no Sul Global é produzir história!

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA PÚBLICA. **Entregadores antifascistas: “Não quero gado, quero formar entregadores pensadores”**. Entrevista concedida a Mariama Correia por Paulo Roberto da Silva Lima (Galo de Luta). São Paulo: Agência Pública, 2020. Disponível em: <https://apublica.org/2020/06/entregadores-antifascistas-nao-quero-gado-quero-formar-entregadores-pensadores/>. Acesso em: 09 fev. 2026.

ALMA PRETA. **Crise política e a abertura para um novo pacto social em Moçambique**. *Alma Preta*, [s.l.], 30 nov. 2024. Disponível em: <https://almapreta.com.br/sessao/quilombo/crise-politica-e-a-abertura-para-um-novo-pacto-social-em-mocambique/>. Acesso em: 09 fev. 2026.

ARRUDA, Daniel Péricles. **CULTURA HIP-HOP E SERVIÇO SOCIAL: A arte como superação da invisibilidade social das juventudes periféricas**. 1. ed. Curitiba PR: Editora CRV. 2024.

Biografia da Negra Li: <https://www.negrali.com.br/#:~:text=Nascida%20no%20bairro%20da%20Brasil%C3%A2ndia,ouvir%20mais%20a%20black%20music.>

BRANDÃO, Leci et al. *Favela Vive 5*. [S.l.]: Pineapple StormTV, 2023. Videoclipe (7min53s). Disponível em: https://youtu.be/R_4Clufmtg8?si=a7_zMBdmWpxkLvC1. Acesso em: 23 fev. 2026.

BRASIL DE FATO. **Fogo na estátua do Borba Gato: vídeo mostra grupo “Revolução Periférica” iniciando o incêndio**. São Paulo: Brasil de Fato, 24 jul. 2021. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2021/07/24/fogo-na-estatua-do-borba-gato-video-mostra-grupo-revolucao-periferica-iniciando-o-incendio/>. Acesso em: 09 fev. 2026.

CORTI, Ana Paula; CORROCHANO, Maria Carla; SILVA, José Alves da. “Ocupar e resistir”: a insurreição dos estudantes paulistas. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 37, n. 137, p. 1159–1176, 2016.



COSTA, Antonio Carlos Gomes da. A presença da Pedagogia: teoria e prática da ação sócio-educativa. 2a Ed. São Paulo: Global: Instituto Ayrtton Sena, 2001

FOLHA DE S.PAULO. **Estátua do bandeirante Borba Gato é incendiada em São Paulo.** *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 24 jul. 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2021/07/estatua-do-bandeirante-borba-gato-e-incendiada-em-sao-paulo.shtml>. Acesso em: 09 fev. 2026.

GABRIELA. *Riquezas*. [S.l.]: Independente, 2024. Videoclipe (4min12s). Disponível em: <https://youtu.be/UZ8qvGlmI9A?si=dNtFQjFwpCa7Z4QT> . Acesso em: 23 fev. 2026.

GONZÁLES, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade. In: RIOS, Flávia. LIMA, Marcia. Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

GRAMSCI, Antonio. Concepção Dialética da História. 5 ed. Tradução: Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1984.

GROPPO, Luís Antônio. Introdução à Sociologia da Juventude. Jundiaí: Paco Editorial, 2017.

GROSFOGUEL, Ramón. Para uma visão decolonial da crise civilizatória e dos paradigmas da esquerda ocidentalizada. In: BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSFOGUEL, Ramón (org.). Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico. Belo Horizonte: Autêntica, 2019. p. 55-77.

HALL, Stuart. A Identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: Lamparina, 2020.

HALL, Stuart. Da Diáspora: Identidade e Mediações Culturais. Organização Liv Sovik; Tradução Adelaine La Guardia Resende [et al.]. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003

HEINRICH BÖLL FOUNDATION. **RhodesMustFall — It was never just about a statue.** Heinrich Böll Foundation, 19 fev. 2018. Disponível em: <https://za.boell.org/en/2018/02/19/rhodesmustfall-it-was-never-just-about-statue>. Acesso em: 09 fev. 2026.

MC MARKS. *Hit do Ano – O Peso da Luta*. [S.l.]: Som Livre, 2021. Videoclipe (3min47s). Disponível em: https://youtu.be/b7_aOzDaSY?si=K-z7SeTiJqTgtTPS . Acesso em: 23 fev. 2026.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. A ideologia Alemã. São Paulo : Martins Fontes, 1998. –

MARX, Karl. Sobre a questão judaica. São Paulo : Boitempo, 2010.

MBEMBE, Achille. Crítica da razão negra. Tradução de Marta Lança. Revisão de L. Baptista Coelho. Lisboa: Antígona, 2014.

MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA – MST. Movimentos de SP defendem ocupações das escolas e repudiam violência policial. MST, 01 dez. 2015. Disponível em: <https://mst.org.br/2015/12/01/movimentos-de-sp-defendem-ocupacoes-das-escolas-e-repudiam-violencia-policial/>. Acesso em: 09 fev. 2026.

NEGRA LI et al. *Poetisas no Topo 4*. [S.l.]: Pineapple StormTV, 2023. Videoclipe (7min11s). Disponível em: <https://youtu.be/AURuXiDAmml?si=bDNpCCOZNy7T5o5K> . Acesso em: 23 fev. 2026.

NOVO JORNAL. **Angolanos manifestam-se este sábado contra apetites insaciáveis do FMI, do Banco Mundial e do governo — GPL viabiliza manifestação mas impõe rota atualizada.** *Novo Jornal*, 18 jul. 2025. Disponível em: <https://www.novojornal.co.ao/sociedade/detalhe/angolanos-manifestam-se-este-sabado-contra-apetites-insaciaveis-do-fmi-do-banco-mundial-e-do-governo---gpl-viabiliza-manifestacao-mas-impoe-rota-actualizada-66437.html>. Acesso em: 09 fev. 2026.



ORUAM. *Lei Anti Oruam*. [S.l.]: UCLÃ, 2023. Videoclipe (3min29s). Disponível em: https://youtu.be/b5OauvgPsl8?si=D_89iJCpAigmESxL . Acesso em: 23 fev. 2026.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. A invenção das Mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021

PENIDO, Ana; BOCCA, Pedro P. **Paulo Galo, o Borba Gato e o terrorismo à brasileira**. Brasil de Fato, São Paulo, 12 ago. 2021. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2021/08/12/artigo-paulo-galo-o-borba-gato-e-o-terrorismo-a-brasileira/>. Acesso em: 09 fev. 2026.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (org.). A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 107-126.

RFI. Angola: mortes e detenções nas ruas após revolta popular colocam em questão ação da polícia. RFI, 1 ago. 2025. Disponível em: <https://www.rfi.fr/pt/programas/convidado/20250801-angola-mortes-e-detencoes-nas-ruas-apos-revolta-popular-colocam-em-questao-acao-da-policia>. Acesso em: 01 ago. 2025

ROCHA, Andréa Pires. Direitos Humanos e a Perversa Convivência com o racismo: algumas reflexões para o Serviço Social. In: EURICO, Márcia Campos; PASSOS, Raquel Gouveia; ALMEIDA, Magali da Silva; MARTINS, Tereza Cristina Santos. Questão Racial, Serviço Social e os desafios Contemporâneos. Campinas: Papel Social, 2021

ROCHA, Andréa Pires. O Juvenicídio brasileiro: racismo, guerra às drogas e prisões. Londrina/PR: EDUEL, 2020b.

ROCHA, Andréa Pires. Segurança e racismo como pilares sustentadores do Estado burguês. ARGUMENTUM (VITÓRIA), v.12, p.10 - 25, 2020a.

Rolling Stone Brasil. **[Fotografia de Tasha & Tracie publicada na matéria “Tasha & Tracie responde críticas por roupas no BET: ‘Vocês não têm personalidade’”]**. In: *Rolling Stone Brasil*, São Paulo, 15 jan. 2025. Disponível em: <https://rollingstone.com.br/noticia/tracie-da-tasha-tracie-responde-criticas-por-roupas-no-bet-voces-nao-tem-personalidade/>. Acesso em: 09 fev. 2026.

SIMIONATTO, Ivete. GRAMSCI: sua teoria, incidência no Brasil, influência no Serviço Social. 3. ed. Florianópolis SC: editora da UFSC e Cortez Editora, 2004.

SPOSITO, Marília Pontes; ALMEIDA, Elmir de; CORROCHANO, Maria Carla. Jovens em movimento: mapas plurais, conexões e tendências na configuração das práticas. Educação & Sociedade, Campinas, v. 41, 2020.